



Universidade: presente!



XXXI SIC

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

FALHA A FALA, FALA A FORMA: DICÇÃO NEGRO-PERIFÉRICA EM *CIDADE DE DEUS*

Thiago Martins Rodrigues (UFRGS/PIBIC - CNPq)
Orientador: Prof.º Dr. Antônio Marcos Vieira Sanseverino

APRESENTAÇÃO

Cidade de Deus, romance de estreia do carioca Paulo Lins, é lançado em 1997 com grande destaque. Um de seus aspectos mais significativos reside no fato de tratar-se do resultado de um estudo etnográfico realizado pelo grupo de pesquisa do qual Lins fazia parte. O olhar analítico lançado sobre a obra propõe, então, uma leitura combinada entre duas dimensões: o método de composição do romance, considerando a historicidade da forma, e a dicção negro-periférica implicada pela matéria, com o objetivo de verificar as possíveis tensões e polaridades entre elas.

A FORMA ROMANESCA EM *CIDADE DE DEUS*

A partir do século XIX, o romance europeu moderno absorve o cotidiano e passa a representá-lo seriamente, em consonância com o modo de vida branco-burguês. Historicamente, a forma romanesca consolida os mecanismos de representação dessa realidade. Paulo Lins dialoga diretamente com essa tradição, tentando formular esteticamente os dados colhidos na investigação, o que invariavelmente apresenta a necessidade de concessões mútuas entre a forma e a matéria representada. É nesse contexto que fala a forma.

PROBLEMA DE PESQUISA E METODOLOGIA

O presente trabalho estrutura-se a partir dos seguintes questionamentos:

1. como se apresentam os dados recolhidos ao longo do estudo realizado por Paulo Lins e seu grupo de investigação?
2. a dicção dos sujeitos negro-periféricos, de que se ocupou a investigação, está preservada na transposição para a forma estética do romance?

Para respondê-los, parte-se de uma leitura do romance que identifique as tensões e as polaridades (CUTI, 2010) entre a forma estética e a dicção negro-periférica, considerando a constituição do racismo como estruturante das relações sociais no Brasil e a historicidade da forma romanesca.

O ESTATUTO DA DICÇÃO NEGRO-PERIFÉRICA

Os conceitos de “racismo estrutural” (ALMEIDA, 2018) e “dispositivo de racialidade” (CARNEIRO, 2005) são bases para a definição do estatuto da dicção negro-periférica. O mito da democracia racial, um dos pilares do racismo estrutural brasileiro, assume a “função estratégica” de apaziguar as tensões étnico raciais (CARNEIRO, 2005) e com isso normalizam-se as práticas violentas do racismo. A dicção negro-periférica emerge, nesse contexto, como “consciência plena de si própria” (FANON, 2008 [1952]) capaz de constituir-se esteticamente como uma voz de denúncia.

RESULTADOS PARCIAIS

Considerando o percurso histórico da forma do romance e dos reflexos da tradição literária, livresca, brasileira encontrados em *Cidade de Deus*, percebe-se uma relação tensiva entre a forma romanesca e a dicção negro-periférica, que é dada pelo modo como se compõe a narrativa, marcada pela nota lírica e pelo refinamento dos recursos literários e ao mesmo tempo pela violência e pelo racismo que estruturam a vida nas periferias brasileiras.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ALMEIDA, Silvio. *O que é racismo estrutural?*. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser*. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, USP. São Paulo. 339f. 2005.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- LINS, Paulo. *Cidade de Deus: romance*. São Paulo: Companhia das Letras 2002.
- LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009.
- MORETTI, Franco. Conjeturas sobre a literatura mundial. *Novos estudos*, CEBRAP, n. 58, novembro 2000, pp. 173-181.
- _____. O século sério. *Novos estudos*, CEBRAP, n. 65, março 2003, pp. 3-33.
- NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro*. São Paulo: Perspectivas, 2016.